

S. Sebastião, passado e futuro

Do correspondente

ALVARO DÓRIA ORSELLI

São Sebastião vive um drama de definição. É que autoridades de diversos poderes, da União, do Estado e da Prefeitura local, virtualmente bloquearam, sob o ponto de vista econômico, grande número de prédios da cidade, declarados de interesse do patrimônio histórico do País.

Ocorre que um grande surto de progresso e novas oportunidades acenam para o município: as instalações do terminal da Petrobrás, sempre em ampliação, a muito decantada Rio-Santos, as indústrias de pesca e os pontos de apoio a toda essa estrutura. Como conciliar a onda de progresso e a necessidade de preservar a característica de cidade velha e histórica? Este é o drama.

São Sebastião, defronte de Ilha bela, cidade imperial, de porto movimentado, redescoberta pelo progresso dos dias da década de 60, está, não obstante, entre a série de cidades já tombadas pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico e Turístico do Estado. Muitos dos sebastianenses aplaudiram o tombamento. Muitos outros não, principalmente aqueles que vêem possibilidade de a cidade progredir mais utilizando-se de outros recursos. E mais ainda: aqueles que são proprietários dos imóveis atingidos pela medida, que, na prática, pouco podem fazer por eles.

A parte atingida localiza-se bem no centro de São Sebastião. Ali quase nada pode ser mudado, nem reformado. Há uma única palavra: conservar. "A fim de não estragar o conjunto arquitetônico e urbanístico colonial". Mas há imóveis tombados isoladamente, o que amplia o problema.

DUAS PERSPECTIVAS

É evidente que o problema é visto como inexistente pela maio-

ria dos que não moram em São Sebastião: todos reconhecem a importância de se preservar na sua totalidade os traços culturais mais importantes, formadores do patrimônio cultural concretamente externado do País.

A outra perspectiva é dos que moram em São Sebastião, vivem lá, só lá podem progredir, têm seu dinheiro imobilizado ali. Uns pensam que o tombamento é benéfico, outros não.

A providência, na esfera municipal, veio com o plano diretor, tornado lei em 1965. Mas mesmo o plano foi aberto a exceções, como, por exemplo, para construir-se uma agência bancária.

FAZ BEM À VISTA

Não sabe, a cidade, se o tombamento é um bem ou um mal. "O certo é que a cidade faz bem à vista de quem a visita. É bonito. E só" — comenta um morador, idoso, do local.

A cidade está, na opinião de alguns, estrangulada. Os depósitos da Petrobrás expandem-se. Bem no centro da cidade, no meio do conjunto arquitetônico colonial e urbanístico, há as instalações, de grande proporção, da maior indústria brasileira do ramo da pesca, que ganha dólares para o País embarcando peixe e camarão para o Exterior.

A uns 200 metros apenas da indústria, um grande hospital, também encravado.

O cais de carga seca e o de petróleo um dia deverão crescer ainda mais. Para onde irmão cres-

cer, com a cidade parcialmente bloqueada? — argumentam os mais pessimistas.

E ainda há a prometida ferrovia. E a Rio-Santos, que não existe e já tem até história.

Como ficará São Sebastião?

O DESAFIO

Um prédio já tombado pelo Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, órgão da União, está desafiando o tempo. Suas paredes externas, grossas, de pedras, lá estão, tão fortes como nunca. Mas o seu interior parece bem próximo do primeiro estágio de conservação que leva à ruína. As paredes de taipas mal conservadas reclamam atenção.

O maior problema está no teto, onde pinturas valiosíssimas podem perder-se a qualquer momento. É que tudo está apodrecido, perdendo as cores.

MUNDO NOVO

Um dos jornalistas da terra afirma estar ali "representado" o descobrimento de um mundo novo e a visão da Atlântida. Há, até, algo a ver com as pinturas modernas de hoje, com os objetos assinalados em tamanho maior e desproporcional ao real. É um modernismo valioso, que ameaça ser perdido.

É a "Casa da Esperança". Seu proprietário vive amaldiçoando o tombamento. Nada lucra com isso e nada recebeu. E nem aparece ninguém ("nenhum louco", no seu dizer) que queira comprar a "Casa da Esperança". "Nem com esses tempos doidos dos hippies. Por que eles não compram a casa para sua sede definitiva?" — graceja um outro proprietário, cujo imóvel não foi atingido pelo bloqueio.

As regras do tombamento são rigorosas. Mas, em compensação, o governo manda apenas um fiscal, para ver se está tudo como antes, a cada ano. E mantém, ainda, a placa na porta. Nada mais.



Do correspondente em São Sebastião

As antenas de televisão contrastam com os prédios muito antigos

Bauru fará

mais ca

Peão

Do correspondente
da